

Breve História dos “raps”



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

Breve História dos “raps”

Título Original em Italiano
Ernesto Bozzano - Breve Storia Raps
(1911)



As Irmãs Fox
(Margaret, Kate e Leah)



Conteúdo resumido

Ernesto Bozzano faz um estudo compacto dos conhecidos fenômenos denominados “raps” (pancadas produzidas por entidades mediúnicas), que serviram, particularmente no início da expansão do Espiritismo com as Irmãs Fox e outros, para chamar a atenção dos seres humanos sobre a existência dos seres espirituais e, conseqüentemente, a sobrevivência do espírito além da morte do corpo físico.

Sumário

Breve história dos “raps” – (golpes medianímicos)	2
1 – Os “raps” nos fenômenos de assombração	4
2 – Os “raps” nos fenômenos telepáticos.....	12
3 – Os “raps” nos fenômenos mediúnicos	21
Conclusão.....	47

Breve história dos “raps”¹ (golpes medianímicos)

O prof. Charles Richet, em seu último livro *A Grande Esperança*, se expressa nos seguintes termos a respeito dos “golpes medianímicos”:

“Um dos fenômenos físicos mais belos da Metapsíquica são os *raps* (golpes), porém não é fácil obter golpes bastante sonoros de modo a podermos ouvi-los com clareza. Eis em que consistem: Se, num grupo de experimentadores, entre os que colocam as mãos sobre uma mesa, se encontra um médium de certa potencialidade física, percebem-se, ocasionalmente, vibrações sonoras na estrutura da madeira. Muito amiúde, essas vibrações sonoras, que o médium não pode produzir todas as vezes que suas mãos repousam imóveis sobre a mesa, são de natureza inteligente.

A história dos *raps* é interessante e eu aconselharia um jovem metapsiquista a escrever uma monografia pormenorizada acerca dos mesmos.” (pág. 221).

Já não sou um jovem metapsiquista, porém me disponho a satisfazer o modesto desejo do prof. Richet, ainda que tenha de fazê-lo de forma sumária, pois que é largo o caminho a percorrer, ao passo que o fenômeno em si, se o considerarmos do ponto de vista apenas físico, não se mostra suficientemente variado em suas modalidades de manifestação a ponto de revelar-se interes-

sante e esclarecedor, se bem que, considerado o seu caráter freqüentemente inteligente, possa resultar teoricamente importante e até mesmo assaz valioso, tanto quanto qualquer outra forma de manifestação metapsíquica.

O fenômeno dos “golpes supranormais” se produz nas seguintes categorias de manifestações metapsíquicas:

- nos fenômenos de assombração;
- nos fenômenos telepáticos;
- nos fenômenos mediúnicos.

Neste último caso, os “golpes” podem ser espontâneos, experimentais ou produzidos a pedido, nas proximidades ou em locais afastados do médium.

Não me deterei em ilustrar a história dos “golpes medianímicos” antes do advento do Neo-Espiritismo, limitando-me a observar, a tal respeito, que, assim como todos os demais fenômenos supranormais, este também se produziu através de todos os tempos e entre todos os povos: civilizados, bárbaros e selvagens.

A categoria a que se refere o prof. Richet é a dos “golpes” nas experiências medianímicas, categoria que, do ponto de vista teórico, é também a mais interessante. De acordo com sua vontade, proponho ocupar-me, sumariamente, das duas primeiras categorias, para estender-me mais longamente sobre a terceira.

1

Os “raps” nos fenômenos de assombração

A manifestação dos “golpes supranormais” quase nunca deixa de produzir-se nos fenômenos de assombração, com o seu caráter geralmente físico (*poltergeist*).² Nos casos chamados de “apedrejamento” ou dos fenômenos das campainhas que soam ininterruptamente, também se notam com freqüência fatos dessa natureza, o mesmo sucedendo nas manifestações fantasmagóricas, quando se percebem audições que acompanham os “golpes” e outros ruídos, ocorrências que geralmente servem para chamar a atenção dos percipientes para tal ponto da habitação ou de um lugar qualquer em que se manifesta a aparição.

O prof. Richet faz notar, com toda razão, que nas experiências medianímicas a sonoridade dos “golpes” é raras vezes acentuada, a menos que se disponha de um poderoso médium de efeitos físicos. O ruído é, entretanto, bastante acentuado nos fenômenos de assombração, nos quais os golpes, as pancadas, as quedas e os estouros são muito comuns.

O momento não é chegado de dispor-me a investigar sua gênese do ponto de vista *assombratório*, tanto mais que o tema particular se identifica com outro de ordem geral, relacionado com a origem das próprias manifestações, tema por demais intrigante e misterioso, a requerer uma análise mais minuciosa e que já o fiz em meu livro *Les phénomènes de Hantise* (Os fenômenos de assombração), ao qual remeto meus leitores que se interessarem por tão perturbador quão fascinante assunto.

Feita esta explicação, ofereço, sucintamente, alguns exemplos típicos desta categoria.

Caso 1

No famoso caso de assombração no vicariato de Epworth (Inglaterra) descrito pelo Rev. Wesley (fundador da seita metodista) e por membros de sua família (dos quais existem cartas sobre o assunto), o fenômeno dos “golpes” foi o primeiro que se manifestou, para logo alternar-se com pancadas e estrondos misterio-

sos, associados a fenômenos de *telecinesia*³ não muito agradáveis, como levantarem-se camas com pessoas deitadas.

A Sra. Wesley escreveu a seu filho com data de 12 de janeiro de 1917 o seguinte:

“Na noite passada, teu pai e eu pedimos ao Sr. Hoole que dormisse em casa e permanecemos acordados até às duas da madrugada, ouvindo os costumeiros *raps* e outros vários ruídos. Às vezes era imitado o som produzido ao dar-se corda a um relógio de parede, outras o ruído de um carpinteiro ao serrar uma tábua, porém geralmente deixavam-se ouvir três golpes alternados com uma pausa, o que se repetiu durante muitas horas seguidas.”

Com data de 24 de março, a Srta. Suzana Wesley escrevia a seu irmão:

“Ouvimos três golpes tremendos debaixo de nossos pés e imediatamente interrompemos as nossas costuras para nos refugiarmos em nossa cama. Logo se fez ouvir um ruído na tranqueta, como se a tivessem manejando, e em seguida golpes metálicos no braseirinho. Depois disso, nessa noite nada mais ouvimos...”

Em data de 27 de março:

“Ouviram-se *raps* fortes em cima e embaixo do meu quarto, depois na cabeceira da cama das crianças. Eram os mesmos tão fortes que o leito se sacudia todo. O Sr. Hoole ouviu-os do seu quarto e veio juntar-se a nós. Os golpes se repetiram em sua presença.” (*Journal of the S. P. R.*,⁴ vol. IX, pág. 40-45).

No caso exposto, assim como em vários outros, se evidenciaram provas de intencionalidade sob formas variadas, as quais, todavia, se mostram pouco importantes na circunstância dos golpes. O Rev. Wesley escreve a propósito:

“Quando eu batia no chão com a bengala, se verificava uma pancada igual. Quando rezávamos juntos as orações da tarde e chegávamos ao ponto em que recomendávamos a

Deus o rei e o nosso príncipe, imediatamente se ouviam “golpes” fortíssimos.”

Caso 2

Tiro-o dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. XI, pág. 144. Também desta vez se trata de assombração em um vicariato, sendo relator o próprio vigário que foi, depois, alto dignitário da Igreja Anglicana. Os dirigentes da *S. P. R.* não se julgaram autorizados a publicar o nome desse sacerdote.

Nessas circunstâncias, além dos fenômenos dos “golpes”, percebiam-se pesados passos que iam e vinham num corredor, fortes ruídos no desvão em que baús, caixotes e vasilhas se encontravam e agitavam-se em conjunto, chocando-se, acavalandose, rodando pelo solo, produzindo um barulho ensurdecador e, sobretudo, um terrível e infernal estrondo, o mais aterrador dos fenômenos. Todas as vezes que faziam as pessoas despertar em sobressalto, ao consultar-se o relógio, invariavelmente, verificava-se que *eram duas horas da manhã de um domingo*.

Com referência aos “golpes” o narrador escreve:

“A título de entretenimento complementar, éramos brindados com fortes golpes consecutivos que pareciam saudar nosso aparecimento. Variavam em timbre e tonalidade: às vezes eram rápidos, veementes, impacientes, outras lentos e hesitantes, porém, como quer que fossem, deixavam-se ouvir durante quatro noites por semana como termo médio, sendo este o fenômeno mais comum, de maneira que ficávamos decepcionados quando não os ouvíamos. Como, porém, de nenhum modo eram inquietantes, logo nos familiarizamos com eles. A propósito disso merece ser notada uma circunstância interessante: algumas vezes, quando, já recolhido ao leito, percebia os “golpes”, embora estes parecessem festivos, sentia-me impulsionado a apostrofá-los sarcasticamente. Por exemplo, dirigia-me ao hipotético agente, dizendo-lhe. “Fica quieto e não perturbe as pessoas honradas que dormem” ou bem o desafiava, acrescentando que se tinha algo a comunicar ou alguma pergunta a formular, que o fizesse direta e francamente. De vez em quando esses ditos eram

mal acolhidos e, então, as batidas “vibravam com maior força, sucedendo-se com vertiginosa rapidez, de modo que se podia defini-los como “golpes indignados”...”

Como complemento ao tema, termino acrescentando que a assombração do vicariato se verificou anteriormente à chegada do novo vigário e continuou a produzir-se depois da sua partida, o que demonstra que se tratava não de fenômenos determinados por faculdades mediúnicas possuídas, inconscientemente, por qualquer membro da família. Verificou-se também que a assombração correspondia a tradições de fatos dramáticos ocorridos naqueles lugares.

Caso 3

Foi publicado em dois números dos *Annales des Sciences Psychiques*⁵ (1892-1893) e reproduzido por mim no capítulo II da minha obra *Fenomeni d’Infestazione*. Trata-se de um caso interessantíssimo, cujo relato tem a vantagem de consistir de um diário redigido dia a dia, no momento mesmo em que se produziam os fenômenos, o que serve para eliminar toda a possibilidade de erros mnemônicos.

O advogado M. G. Morice o comunicou ao prof. Richet, que, depois das necessárias investigações, publicou-o em sua própria revista. Os fenômenos assombrosos se verificaram no castelo de T., na Normandia, entre os anos de 1865 e 1875. O autor é o próprio proprietário do castelo, o senhor F. de X.

Os fenômenos que se produziram foram imponentes, com predomínio absoluto dos “golpes” e ruídos de um poder aterrorizante, os quais eram percebidos desde a granja do castelo, distante 500 metros.

Limitar-me-ei a citar alguns trechos do diário que se refere aos “golpes” e ruídos:

“Domingo, 31 de outubro de 1875 – Noite muito agitada. Ouvem-se no patamar da escada cinco “golpes” a tal ponto violentos que fazem sacudir todos os objetos suspensos na parede. Dir-se-ia que uma pesada bigorna ou uma grossa barra de ferro teria sido arrojada contra a parede de modo a

sacudir todo o edifício, porém nenhum de nós pode precisar em que ponto são desferidos os golpes...

Segunda-feira, 8 de novembro – Às 22:20, despertamos todos ao ouvir uns passos retumbantes que sobem rapidamente pelas escadas; logo uma série de golpes fortíssimos que fazem tremer as paredes. Levantamo-nos todos... Seguem-se uns pequenos golpes saltitantes que parecem ser produzidos por patas de animais que correm...

Sábado, 13 de novembro – À meia-noite e um quarto deixam-se ouvir dois gritos roucos no patamar. Já não são gritos de mulher que chora e sim urros furiosos, desesperados, horríveis, rugidos de condenados ou de demônios. Seguem-nos, durante mais de uma hora, golpes violentos.

Domingo, 8 de janeiro de 1876 – 6:30 da manhã. Alguns golpes fortes no corredor. Destaco o fato de que, durante três manhãs consecutivas, todo aquele que desce as escadas é seguido até o andar térreo, passo a passo, degrau a degrau, por golpes que cessam ou prosseguem com o mesmo. Também o vigário da paróquia é seguido por golpes sem que nada consiga ver.

Noite de 25 de janeiro – 1:30 da madrugada. Por vinte vezes consecutivas o castelo é sacudido desde os seus alicerces. Seguem-se sete golpes na sala verde; logo uns golpes tão rápidos que não é possível contá-los; dois golpes mais sobre a porta da sala verde; doze sobre a porta do quarto de Maurício; treze tão fortes que fazem tremer toda a casa; mais logo cinco, depois dez e, em seguida, dezoito; tudo treme, paredes e móveis. Não há tempo para escrever. Ouvimos uns mugidos de touro, logo uns urros inumanos, furiosos, junto à porta de minha esposa, no corredor. Minha esposa se levanta e toca a sineta para fazer todos se levantarem. Quando nos achamos reunidos no quarto do abade, ouvimos dois mugidos mais e um urro. Às 4:20 voltamos para as nossas camas. Minha senhora sente um forte golpe sobre o harmônio, a dois metros de distância, seguido de três outros golpes que não logra localizar. Os rumores desta noite

foram distintamente ouvidos na granja a 500 metros de distância do castelo.”

O Dr. Dariex, diretor dos *Annales des Sciences Psychiques*, interrogou, a respeito, o abade D, ao qual se alude com frequência no diário do Sr. F. de X, e esse confirmou a escrupulosa exatidão das imponentes manifestações descritas.

Que pensar de semelhante pandemônio? Não é possível se conceber a natureza da vontade produtora de manifestações tão terrificantes e, ao mesmo tempo, absurdas e inexplicáveis; porém, ao contrário, não parece racional a presunção de que as mesmas tenham sido produzidas por um cego desencadeamento de forças físicas ignoradas e muito menos pela exteriorização de faculdades ou forças inerentes à subconsciência humana. A circunstância de que os ruídos foram ouvidos, distintamente, da granja situada a meio quilômetro do castelo prova que os mesmos eram reais, objetivos e não subjetivos; e, assim sendo, parece até inverossímil presumir que tal potencialidade de manifestações sonoras terrificantes tenha sido um produto ignorado de faculdades supranormais desencadeadas com alucinado ímpeto pela subconsciência de algum dentre os presentes, tanto mais se se considerar que os precedentes moradores do castelo já haviam assistido a fenômenos análogos (com o acréscimo da percepção de fantasmas), o que complica enormemente a questão para os que sustentam a origem puramente anímica ou subconsciente dos fenômenos assombratórios.

Como, pois, explicar os fatos? Não podendo desenvolver o tema em poucas páginas, limitar-me-ei em responder, observando que a intuição popular interpretou sempre de modo muito diferente e menos gratuito os fenômenos de tal gênero e que tudo concorre para fazer presumir que nessa concordante opinião universal deve encontrar-se essa centelha de verdade que é a única capaz de orientar o pensamento para a solução do enorme mistério.

Caso 4

Na introdução à presente categoria de fenômenos, dissera eu que nas manifestações assombratórias com aparições de fantas-

mas os “golpes” tinham, com freqüência, o propósito de chamar a atenção dos seus percipientes para o lugar de uma peça ou para outro ponto qualquer em que se produzia a aparição. Eis um exemplo do gênero.

No *Journal of the S. P. R.* de Londres (vol. VI, pág. 146, e vol. IX, pág. 298), se relata um episódio importante de localidade assombrada em que um espectro apareceu, numerosas vezes, a várias pessoas durante um período de nove anos. O caso foi levado ao conhecimento de Myers um ano depois da primeira aparição, de modo que ele teve a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento dos acontecimentos. A principal percipiente foi a Srta. Scott, que escreveu um longo relato a respeito e do qual extraio o episódio seguinte:

“A título complementar, referir-me-ei a dois incidentes análogos sucedidos a outras pessoas naquela época. Duas moças da aldeia, atraídas pelas amoras silvestres que cresciam nas sebes da localidade mal-assombrada, se detiveram em colhê-las, quando, subitamente, ouviram um golpe surdo, vibrado perto do terreno em que pisavam, porém, como nada vissem, continuaram a colher as amoras. Pouco depois ouviram outro golpe surdo e, voltando-se para esse lugar, viram um homem de elevada estatura que as olhava fixamente. A expressão espectral daquele rosto as fez gelar de espanto e, agarrando-se convulsivamente uma a outra, empreenderam a fuga.

Correram, assim, um breve trecho e depois se voltaram para trás tremendo, percebendo o vulto imóvel no mesmo lugar, mas enquanto o miravam, viram que pouco a pouco ia desaparecendo. As jovens me informaram que o indivíduo em questão estava vestido da forma que lhes descrevi, que seu rosto era extremamente pálido e que a sua pessoa parecia envolta em uma nuvem de vapor...”

O fato de um fantasma que vibra golpes no solo com o fim evidente de chamar a atenção dos presentes para esse lugar é teoricamente importantíssimo, pois prova que no local se havia concretizado algo não perceptível de nenhuma outra parte, e não

apenas isso, mas prova, também, que naquele ponto estava uma entidade inteligente, com plena consciência do lugar em que se achava. Nada mais acrescento por ora, porque me reservo para desenvolver o tema por ocasião de um segundo caso análogo, mas de ordem telepática (caso 8) e os argumentos expostos em apoio aos fantasmas telepáticos são igualmente aplicáveis aos fantasmas assombradores.

Os “raps” nos fenômenos telepáticos

Há pouco a observar com referência aos “golpes supranormais” nas manifestações telepáticas. Tal como acontece na maior parte dessas manifestações, os golpes se produzem em momento pré-agônico, isto é, o “agente” é, quase sempre, um moribundo e o “percipiente” um parente ou amigo do mesmo que se acha longe. Como se sabe, 80% dos fenômenos telepáticos se produzem em forma “visual”, com a aparição do fantasma do “agente” ao “percipiente”, ao passo que a forma “auditiva” (percepção de frases, passos, golpes) se mostra relativamente rara.

Em linhas gerais, as modalidades com que se manifestam os fenômenos telepáticos dependem das idiosincrasias psíquicas peculiares a cada “percipiente”, no sentido de que, conforme o “tipo mental” a que este pertença, perceberá o impulso telepático sob uma forma alucinatória-verídica diversa: visual, auditiva, motriz, olfativa, tátil. Compreende-se, desde logo, que tal explicação do fenômeno perceptivo, nas manifestações telepáticas, não é aplicável a todas as percepções dessa natureza, o que concorda com o conhecido axioma segundo o qual “não há regra sem exceção” e, no caso que nos ocupa, as exceções consistem em que a percepção do fantasma ou a audição dos “golpes” não se podem interpretar com as idiosincrasias psíquicas, peculiares ao “percipiente” e exige se admita que é, ou bem um fenômeno de “bilocação” do agente moribundo, ou então a “presença espiritual no local” do próprio agente que acaba de falecer. É quanto me proponho demonstrar mais adiante, ao referir um exemplo desta ordem que terei a oportunidade de comentar.

Caso 5

Extraio este primeiro episódio de *Phantasms of the Living* (Caso CXIII, pág. 290), obra famosa porquanto constitui a primeira classificação magistral de fenômenos telepáticos recolhidos e publicados por Myers, Gurney e Podmore. A narrativa é longa e por isso limito-me a transcrever os trechos principais.

A Sra. Vaughan, residente em Londres (6, Chester Place, Regents Park) relata o seguinte:

“No outono de 1865, minha amiga Sra. D. se achava gravemente enferma em Windsor. Eu havia convidado uma filha desta para assistir ao casamento de uma amiga comum, recebendo em resposta, numa sexta-feira, um bilhete no qual me informava que a mãe estava melhorando e que na próxima terça-feira compareceria à festa.

Sábado à noite, deitei-me, como de hábito, por volta de meia-noite, mas não adormeci de pronto. Pouco tempo depois fui alarmada por três batidas violentas desferidas na cabeceira de meu leito. Retumbaram como golpes de martelo dados com força sobre um caixote vazio e aos quais sucedeu um longo e lamentoso grito de mulher que parecia sair do quarto e perder-se ao longe...

Na manhã seguinte, recebi uma carta da filha da enferma, informando-me que esta havia piorado na manhã de sábado, falecendo na noite seguinte. Mais tarde tive ocasião de encontrar-me com a enfermeira, pela qual soube que minha amiga morrera na noite de domingo, à 1:45, e que no momento da morte soltara um grito lamentoso, forte e prolongado.”

(Seguem-se os testemunhos das pessoas citadas).

Neste caso, parece ter havido uma coincidência perfeita entre a hora da morte e a em que a “percipiente” ouviu os “golpes” fortíssimos seguidos do grito lamentoso, realmente emitido pela moribunda, circunstância que induz a considerar de natureza subjetiva a percepção telepática do referido grito; assim sendo, devemos também considerar puramente subjetivos os golpes fortíssimos que precederam o grito, o que, entretanto, não basta para explicar o mistério vertente sobre o fato de um pensamento afetuoso dirigido, no último momento, à amiga distante (pensamento realmente verificado), se transformar em três golpes simbólicos fortíssimos anunciadores da morte.

Nas circunstâncias em que se produziram os fatos, não é possível julgar acerca da origem subconsciente ou extrínseca do

simbolismo auditivo em questão; mas em outros casos, dos quais citaremos adiante um exemplo, a hipótese da gênese subconsciente do simbolismo surge perfeitamente insuficiente.

Caso 6

Tiro-o do *Journal of the S. P. R.* (vol. XII, pág. 196). O Sr. Rix, secretário da *Royal Society of Science*, escreve quanto segue:

“Na manhã do dia 30 de outubro de 1905, eu estava na cama, acordado, quando ouvi bater na porta da rua. Sabíamos que a Sra. C., doente há algum tempo, que morava a um quilômetro de distância de nós e a quem estávamos prodigalizando toda a sorte de cuidados afetuosos, achava-se em estado de muita gravidade, pelo que me veio ao pensamento a idéia de que seria o filho dela que viesse chamar minha esposa. Disse, pois, à minha senhora que alguém batia à porta e que provavelmente era o filho da Sra. C. que vinha chamá-la. Ela foi abrir, porém voltou dizendo não ter visto ninguém. Os golpes que eu escutara não haviam sido menos de cinco e não mais de sete, mas tinham sido dados com força e em rápida seqüência.

Nosso quarto está situado no primeiro andar e o som dos golpes provinha, com toda a certeza, do andar térreo. Nossa criada, que dorme no aposento contíguo, ouviu também os golpes e, olhando o relógio, viu que marcava 5:20 (faço notar, a respeito, que seu relógio adiantava sempre 5 ou 10 minutos). Na hora do almoço, um vizinho veio participar-nos o falecimento da Sra. C., ocorrido às 5:30. Depois da refeição, minha mulher foi à casa da Sra. C., onde soube que essa morrera às 5:15.”

O episódio exposto difere do primeiro em duas particularidades interessantes: pela circunstância dos “golpes simbólicos da morte”, que, em vez de se verificarem no aposento em que se achava o “percipiente”, se deram na porta da rua; depois porque dessa vez foram ouvidos coletivamente, por três pessoas que

viviam na casa (efetivamente, a Sra. Rix afirma havê-los ouvido, tendo acordado por causa dos mesmos).

Ora, esta última circunstância se mostra teoricamente importante, seja pela certeza que confere quanto à realidade do fenómeno telepático em si – visto que uma ilusão dos sentidos não poderia ser compartilhada por muitas pessoas e muito menos despertá-las do sono –, seja porque ocorre, geralmente, que em tais circunstâncias todas as minúcias das “audições” ou das “visões” concordam, completando-se, o que induz a concluir que deva haver algo de objetivo nas “audições” e “visões” de tal natureza.

Assim, por exemplo, nos casos de visões de fantasmas telepáticos percebidos coletivamente, se destaca a circunstância, por demais sugestiva, que estes são observados às vezes de ângulos visuais diversos, isto é, um “percipiente” os vê de frente, outro de perfil e um terceiro de costas; *tudo isso em perfeita correspondência com as leis da perspectiva, como se nesse lugar se encontrasse um ser de algum modo objetivo.*

Fica, assim, evidenciado que se se tratasse de um fantasma telepático puramente subjetivo, nesse caso cada “percipiente” deveria vê-lo de forma idêntica, diante de si e nunca de acordo com as leis da perspectiva, visto que o pensamento do “agente” determinante do fantasma telepático não poderia deixar de ser absolutamente idêntico para todos.

Caso 7

Tiro-o do *Journal of the S. P. R.* (vol. XI, pág. 320). Foi investigado pelo Rev. T. Fryer, pelo Sr. F. Young, membro da dita Sociedade, e pelo Sr. Arthur Mee, vice-diretor do jornal *Western Mail*.

Este último escreve com data de 22 de outubro de 1904:

“A Sra. Georgina Page é mulher culta e inteligente, que possui o segredo de um bálsamo de comprovada eficácia em várias moléstias. Um jovem enfermo quis prová-lo, pondo nele uma grande fé, porém o mesmo estava tuberculoso e o bálsamo era impotente para a doença. Na madrugada de 21

de dezembro de 1903, às 3 horas, a Sra. Page foi despertada por pesados passos que subiam uma escada e, enquanto, perplexa, os escutava, ressoavam três golpes fortíssimos sobre a porta do seu quarto, golpes que também despertaram três de suas filhas que dormiam em outro aposento. A Sra. Page levantou-se da cama para abrir a porta e não viu ninguém. Olhou o corredor: vazio!

No dia seguinte veio-se a saber que o jovem enfermo havia falecido na hora mesma em que a Sra. Page ouvira os passos e os golpes em sua residência. Soube-se também que ele pedira, antes de morrer, que se mandasse chamar depressa a Sra. Page...

Esta senhora escreve: “Três das minhas filhas ouviram os passos pesados que subiam as escadas em direção ao meu quarto, assim como os três golpes fortíssimos desferidos na porta. a maior delas se aventurou a sair para certificar-se de quanto acontecia, mas só depois de ouvir a minha voz que a chamava.”

A filha em referência, Srta. Georgina Page, escreve por sua vez: “Ouvi passos pesados que subiam a escada. Quando se detiveram na porta do quarto de minha mãe, ressoaram três golpes bem fortes sobre essa porta. Fui ver de que se tratava e nada vi. Então disse a mamãe: – Amanhã saberemos que algum amigo ou parente nosso faleceu neste momento.”

E assim sucedeu. O episódio em referência aconteceu às 3 horas da madrugada.”

Também esse caso é de ordem coletiva, visto que os “percipientes” foram quatro. Destaca-se nele o episódio particular dos passos pesados que sobem uma escada para deterem-se na porta do quarto da Sra. Page, verificando-se aí o outro fenômeno complementar dos golpes simbólicos que anunciam a morte, tal como se uma pessoa viva fosse encarregada de notícia semelhante.

Nestas alturas dos acontecimentos, ocorrem-nos casos análogos que se verificaram em fenômenos de assombramento e se é certo que essa analogia não explica o mistério que rodeia o

fenômeno, serve, todavia, para deixar entrever uma relação eloqüente entre as duas ordens de fatos, na base da qual se deveria inferir que, se no caso dos fenômenos telepáticos existe positivamente um agente inteligente e extrínseco que engendra o fenômeno, dever-se-á, então, dizer o mesmo com respeito aos fenômenos, em tudo análogos, de assombramento, ou, mais precisamente, dever-se-á logicamente concluir que, se no primeiro caso se trata de “telepatia entre os vivos”, no segundo deve tratar-se de “telepatia entre mortos e vivos”.

Caso 8

Este caso é extraído dos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. XXXIII, pág. 205). A Sra. Scott narra:

“Uma das minhas irmãs havia partido para a América do Sul, onde contraíra matrimônio. Certa manhã em que eu havia permanecido na cama mais tempo que de costume, ouvi, por volta de 11 horas, golpes desferidos na minha porta. Pensando que fosse a criada com a água quente, disse “Entra!”, porém ninguém entrou. Repetiram-se as pancadas. De novo exclamei “Pode entrar!”, porém, como não visse ninguém entrar, virei-me para a porta e dei com a minha irmã no limiar. Pensando que ela havia regressado inesperadamente, exclamei: “Oh! que surpresa. Você, Elsie!”, mas vi-a desaparecer subitamente.

Quando contei esse caso ao meu marido, ele observou: “Não fales disto com a tua mãe, para não impressioná-la com a sorte de sua filha”.

Um mês depois chegou a notícia de que ela morrera após uma rápida moléstia. O triste evento ocorreu justamente no dia e na hora em que ouvi os golpes e ela me apareceu.”

O marido da Sra. Scott confirma nestes termos a narrativa da esposa:

“Recordo-me, perfeitamente de que, em certo dia do mês de março de 1887, minha mulher veio procurar-me cheia de espanto, contando-me que vira o fantasma da sua própria irmã, residente na América, e eu aconselhei-a a não dizer pa-

lavra à minha sogra, a fim de não impressioná-la inutilmente.” (Assinado: Ronald A. Scott).

Este é o episódio a que me quis referir quando comentei o caso 4, em que mencionei um fantasma assombrador que havia dado um golpe no solo com o fim evidente de fazer com que olhassem para aquele ponto as moças ali presentes. Como não o conseguisse, desferira um golpe mais forte, com o que alcançou o seu propósito.

Neste outro episódio, de ordem telepática, se evidencia idêntica circunstância: o fantasma golpeia a porta com o objetivo mesmo de chamar a atenção da pessoa presente para esse ponto. Não alcançando o seu intento na primeira vez, renova os golpes, conseguindo o que queria.

Pessoa alguma pode deixar de ver a enorme importância teórica de que se reveste o fenômeno dos *raps* quando se repete com o propósito manifesto de despertar a atenção das pessoas presentes para o local em que se mostram os fantasmas. É evidente que essas circunstâncias demonstram – e desta vez de forma indubitável – a existência de uma intenção da parte dos fantasmas que assim se comportam, o que equivale a dizer que no umbral daquele quarto, assim como em determinada parte do campo assombrado, havia uma entidade espiritual consciente das condições do ambiente em que se encontrava. E esta última circunstância se afirma ainda mais se se considerar que, se esses agentes inteligentes tentavam chamar a atenção dos “percipientes”, seja para a porta do quarto, seja para o ponto do campo assombrado, é que existia ali algo substancial *não perceptível de nenhuma outra parte*, o que equivale a reconhecer que os fantasmas eram objetivos e não subjetivos.

Acrescento uma última observação muito importante, aplicável ao caso do fantasma telepático: é que um *impulso telepático*, entendido no sentido clássico da transmissão de impressão à distância, de cérebro a cérebro, deveria alcançar *diretamente* a mente do “percipiente” e não *deter-se no caminho* para vibrar golpes numa porta com o propósito de atrair a atenção da pessoa presente e, mais ainda, repeti-los porque esta não atendeu de

imediatamente ao chamamento do suposto *impulso telepático*, preocupado em assumir o aspecto simbólico-alucinatório-verídico do agente que o enviara.

Parece-me que estas últimas observações deveriam ser concludentes no sentido de provar a insuficiência da hipótese telepática em circunstâncias de tal natureza.

Observo que o conjunto das considerações expostas, deduzidas de acordo com a lógica, se mostra irrefutável, ao passo que reveste um alcance teórico imenso, porquanto demonstra positivamente que nem todos os fantasmas assombradores e telepáticos são de ordem subjetiva e que existem, ao contrário, considerável número de casos em que essas entidades devem ser consideradas, com base em fatos, de ordem objetiva e, além disso, conscientes e inteligentes. A partir desses dados infere-se que, nos casos de aparições telepáticas, os episódios da natureza exposta devem ser considerados fenômenos de “bilocação”, quando se produzem estando o “agente” ainda vivo, e “manifestações de fantasmas de defuntos”, quando o agente é morto de pouco. As aparições assombratórias devem ser consideradas como autênticas manifestações de defuntos, com a presença real, no lugar, do fantasma do “agente” e não como “projeções telepáticas do pensamento de um morto” (o que, na verdade, é o que se verifica na maioria dos casos) e muito menos como “forma de pensamento” (hipótese esta válida, por sua vez, para algumas manifestações especialíssimas do gênero).

Em outros termos: o erro mais grave em que caem numerosos metapsiquistas militantes nos dois campos é o de querer chegar a conclusões de ordem geral com base em observações de ordem particular. E assim acontece que, no nosso caso, a alguns metapsiquistas basta achar um grupo de fantasmas telepáticos ou assombradores que revistam um caráter positivamente subjetivo para que generalizem o seu alcance, decretando que todos os fantasmas são de ordem subjetiva. Entretanto, a verdade que emerge límpida da análise comparada do complexo dos fatos é bem diversa, demonstrando que a classificação das aparições fantasmagóricas é multiforme, como de resto acontece em todas as classes das manifestações supranormais, de maneira que se a

gênese de todas as manifestações em questão é uma só, ou seja, o espírito humano em sua fase “encarnada” ou “desencarnada” são, todavia, múltiplas as modalidades com que se verificam as manifestações fantasmagóricas, as quais – como todas as outras – podem ser “anímicas” ou “espíritas”, conforme o caso e as circunstâncias.

Quando são “anímicas”, podem manifestar-se em forma de fantasmas telepáticos subjetivos ou de fantasmas objetivos originados por fenômenos de “bilocação”; podem também produzir-se em forma de projeções de simples “simulacros” fluídicos, visíveis ou invisíveis, e muitas vezes fotografáveis, determinados pelo pensamento e a vontade subconsciente do agente, e, finalmente, podem consistir em “formas do pensamento” tais como se exteriorizam nas crises de emoções trágicas e permanecem por tempo mais ou menos longo no ambiente em que se deu o drama, sendo perceptíveis aos “sensitivos”.

Pelo contrário, as manifestações fantasmagóricas “espíritas” podem, igualmente, produzir-se sob a forma subjetiva de projeções telepáticas do pensamento, mas dessa vez entre *defuntos e vivos*, ou de projeções de simples “simulacros” fotografáveis; e, finalmente, de manifestações objetivas do fantasma do defunto, sensível, consciente, inteligente.

Colocada a questão nesses termos, é claro que o tema, extremamente complexo, não pode, por certo, ser elucidado de chofre, à custa de generalizações definitivas; pelo contrário, devem-se analisar a fundo todos os episódios em separado, levando em conta em cada qual a mais ínfima particularidade de manifestação, assim como a atmosfera psicológica do ambiente em que se deu o evento, só depois disso concluindo quanto a cada caso.

Assim procedendo, chegar-se-á, quase sempre, a observar particularidades em aparência insignificantes, mas que, ao contrário, valem admiravelmente para orientar, pondo o investigador em condições de resolver quaisquer dificuldades que se lhe apresentem, valendo-se de uma ou outra interpretação teórica e, dessa vez, com pleno conhecimento de causa. *E os dois casos que consideramos o atestam de modo eloqüente.*

3

Os “*raps*” nos fenômenos mediúnicos

O Dr. J. Maxwell dedicou um longo capítulo da sua obra *Les Phénomènes Psychiques* às manifestações dos “golpes mediúnicos”, fenômeno que ele teve a oportunidade de pesquisar a fundo, tendo à sua disposição alguns médiuns particulares com os quais se conseguiam “golpes” sob formas variadíssimas, pondo-o em condição de analisá-los e comentá-los de modo magistral e exaustivo.

Saliento, entretanto, que a circunstância afortunada de Maxwell ter podido experimentar com ótimos sensitivos produtores de “golpes” leva-o a exagerar, de certo modo, a facilidade experimental de obtê-los.

Ele escreve:

“O primeiro fenômeno merecedor de ser observado é o dos *raps*, o que se consegue com a máxima facilidade... Se se experimenta com um médium de força medíocre, os *raps* se manifestarão depois de três ou quatro sessões, mas se o médium é de grande força, far-se-ão ouvir quase que imediatamente.

Geralmente ressoam na estrutura de madeira da mesa, mas nem sempre sucede assim e são percebidos, ocasionalmente, no solo, nos móveis, nas paredes, no teto e nos próprios assistentes. Ouvi-os, muitas vezes, fora das sessões e obtive-os em plena luz e com tal freqüência que me pergunto se a obscuridade os favorece, do mesmo modo que favorece outros fenômenos físicos...

Quando se obtêm os *raps* é fácil estudá-los de forma plenamente satisfatória, variando em todas as vezes as condições da experiência. É um dos fenômenos cuja realidade objetiva foi-me melhor provada...

A variedade dos *raps* não é menor do que a diversidade dos objetos sobre os quais se fazem ouvir. O tipo ordinário consiste em golpes secos, de intensidade variável, os que re-

cordam o crepitar da centelha elétrica; esse, entretanto, é apenas o tipo mais comum e as variações são inúmeras.

Naturalmente, a tonalidade dos *raps* varia segundo a composição da matéria em que se fazem ouvir. Distinguem-se assaz bem os *raps* desferidos na madeira, dos batidos numa folha de papel de carta ou em tecidos, e esta é uma verificação interessante, porquanto demonstra que o som é produto das vibrações da composição material do objeto.

Deve-se, portanto, inferir que os *raps* são consecutivos a uma vibração molecular da matéria. Tive ocasião de escutá-los numa circunferência máxima de 3 metros em torno do médium.

Acontece, muitas vezes, que os *raps* respondem uns aos outros, caso em que se escutam, simultaneamente, golpes claros, golpes surdos, golpes secos, que ressoam na mesa, no pavimento, na madeira e no tecido dos móveis. É essa uma das mais belas experiências a que assisti. Acrescento, finalmente, que todos os presentes, sem exceção, ouviram os *raps*.” (obra citada, pág. 67-85).

Este é o resumo das considerações preliminares do Dr. Maxwell sobre as modalidades com que se manifestam os fenômenos em exame. Reservo-me para mencionar, mais adiante, alguns episódios recolhidos em suas experiências.

Recuando ao início do movimento neo-espírita, vou referir-me ao fenômeno dos *raps* que se verificaram nas notáveis experiências magnéticas do Dr. Larkin, que precederam de alguns anos às das irmãs Fox.

Caso 9

No terceiro volume da minha obra *Indagini sulle manifestazioni supernormali* (pág. 72-84), cumpro o dever de tirar de imerecido olvido o nome venerado do Dr. Larkin, precursor e mártir do moderno movimento espírita. No momento recordarei que era médico, exercendo sua profissão na cidade de Wrentham (Massachusetts, E.U.A.). Larkin servia-se do “magnetismo animal” para diagnosticar moléstias e curar seus próprios enfer-

mos. Aconteceu-lhe no ano de 1837 experimentar com uma jovem sonâmbula que, além de atender aos seus pedidos, produzia, também, manifestações inesperadas, as quais embaraçavam grandemente o critério do experimentador. Uma primeira variedade do gênero consistia na produção dos fenômenos dos *raps* que se realizavam, espontaneamente, durante o período em que a sonâmbula se tornava clarividente.

A Sra. Hardinge-Britten, a historiadora do movimento espírita norte-americano, que conheceu pessoalmente o Dr. Larkin, relata o seguinte:

“Se bem o Dr. Larkin ignorasse a forma como podia apresentar-se na sonâmbula Mary Jane manifestações de outra natureza, estas se produziam espontaneamente, embaraçando grandemente os experimentadores. Uma primeira variedade do gênero consistia na produção de fortíssimos golpes, os quais tinham relação indisfarçável com a fase especial do sono magnético em que Mary Jane se tornava clarividente, mas qual fosse a natureza de tal relação, o Dr. Larkin não chegava a compreender.

Todavia, ele havia observado que tais golpes ressoavam em móveis e objetos muito afastados da sonâmbula para se poder supor que fosse ela quem os provocava; ademais, isto se tornava impossível pelo fato de os membros da sonâmbula ficarem constantemente inertes.

A única relação que ele podia estabelecer entre essa fase especial de sonambulismo e os fenômenos expostos implicava a admissão de uma possibilidade que ele recusava tomar em consideração, visto que, então, deveria aceitar incondicionalmente certas afirmações da sonâmbula, segundo as quais via junto de si uma “fada” de nome “Katy”, de maravilhosa beleza e angelical bondade. E as perplexidades em que se debatia o Dr. Larkin se complicavam com o fato de assistir, freqüentemente, a manifestações que tendiam a fazer presumir que a sonâmbula fosse, às vezes, possuída por influências baixas e vulgares, ainda que não perversas...

Em tais circunstâncias, a sonâmbula se exprimia em um frasear rude, interpolado de ditos chulos; ao mesmo tempo ressoavam no quarto enormes ruídos; os móveis se moviam e se deslocavam, objetos pesados voavam de um canto do aposento para outro. A sonâmbula dizia que tais manifestações eram obra de um espírito que fora em vida um grumete, acrescentando que o via perto de si. E, com efeito, o grumete, usando de sua laringe, declarava francamente ter sido ele próprio quem empregara as frases rudes, as quais lhe eram, em vida, tão familiares, que ora prorrompiam automaticamente nas suas conversas com os vivos. Não tardou muito que o fenômeno dos golpes adquirisse poder locomotor, seguindo o médico nas suas visitas profissionais. Uma vez em que se encontrava em visita a um cliente, cujo palacete se erguia no vértice de uma colina, se fizeram ouvir golpes fortíssimos desferidos na porta. Pessoa alguma podia esconder-se nas adjacências, contudo os golpes continuavam a soar enquanto o doutor permaneceu na casa.” (Emma Hardinge-Britten, *Modern American Espiritualism*, pág. 157-8).

A essas primeiras manifestações físicas se seguiram outras muito mais espantosas, mas às quais não devo aqui reportar-me, manifestações que atraíram sobre o infeliz Dr. Larkin perseguições civis e religiosas implacáveis, as quais provocaram a sua total ruína profissional e civil. Tal a sorte dos precursores.

O caso do Dr. Larkin, além de se mostrar o mais comovente entre tantos outros mais ou menos trágicos de que foram vítimas os primeiros pregadores da verdade espírita, mostra-se ainda teoricamente importante pelas magníficas manifestações mediánicas ocorridas espontaneamente (entre as quais centenas de casos de identificação espírita). E resulta historicamente valioso, porquanto suas manifestações antecipam em uma dezena de anos as famosas e mais afortunadas ocorrências análogas, igualmente espontâneas, de Hydesville, com as irmãs Fox, manifestações que iniciaram o movimento espírita mundial.

Caso 10

Seria lógico que a história dos “golpes” de Hydesville com as irmãs Fox seguisse, no presente trabalho, a do Dr. Larkin, porém é a tal ponto famosa e universalmente conhecida, que me absteenho de repeti-la uma vez mais, limitando-me a observar que, assim como os “mortos” que se manifestavam por meio da sonâmbula do Dr. Larkin encareciam a este a necessidade de que pessoas estranhas assistissem às sessões, afirmando “haver chegado o momento em que os homens deveriam convencer-se, na base dos fatos, de que o espírito sobrevive à morte do corpo, vaticinando o próximo advento de uma era em que toda a humanidade reconheceria a possibilidade de se comunicar com os espíritos dos mortos”, também os “mortos”, que se manifestavam por meio das irmãs Fox ordenavam, peremptoriamente, às mesmas que abandonassem sua aldeia para exibirem-se, publicamente, nas grandes cidades, com o fim de difundir no mundo a nova grande Verdade, afirmando, por sua vez, “haver chegado o momento em que a humanidade, já evoluída, não poderia mais conformar-se com a fé cega e deveria convencer-se, sobre a base dos fatos, de que o espírito sobrevive à morte do corpo”. E as irmãs Fox, a princípio rebeldes a tais ordens, terminaram por obedecer à vontade dos mortos, tornando-se, por sua vez, vítimas de perseguições inauditas, as quais chegaram, algumas vezes, a extremar-se a ponto de só por um milagre escaparem de ser massacradas por multidões fanáticas.

Depois desta devida alusão ao caso historicamente fundamental dos “golpes” de Hydesville, caso universalmente conhecido para ser repetido aqui, disponho-me a tirar de imerecido esquecimento um outro caso interessante, ocorrido poucos anos após o advento do hodierno Espiritismo e é o da jovem médium Abby Warner, para quem a espontânea manifestação do fenômeno dos “golpes” resultou em ser a primeira a inaugurar o martirologio dos processos legais contra os médiuns.

Caso 11

O caso de Abby Warner remonta ao ano de 1851, três anos depois do advento do movimento espírita. A Sra. Hardinge-Britten, espectadora dos fatos, relata o seguinte:

“Abby Warner era uma pobre órfã que dependia da caridade pública para o seu sustento. Era também objeto de compaixão para quem a visse e isso devido a uma acumulação de graves enfermidades que a impossibilitavam de ganhar a vida e enfejavam o seu aspecto. Foi, entretanto, por intermédio dessa infeliz e humilde criatura que a causa do Espiritismo ganhou um impulso irresistível do Estado de Ohio, visto que Abby Warner não só se revelou uma médium maravilhosa, mas involuntariamente deu causa a que os fenômenos ocorridos em sua presença fossem revelados ao público do modo mais imprevisto que se possa imaginar...” (Idem, pág. 297-8).

Com esta última observação a sra Hardinge-Britten alude ao processo civil intentado contra a médium, processo que se transformou na melhor das propagandas a favor das novas pesquisas.

Uma senhora de nome Kellog teve compaixão da pobre criança e recolheu-a em sua casa, destinando-a a afazeres domésticos que não produzissem fadiga; foi essa senhora a primeira a verificar que em torno da moça se faziam ouvir golpezinhos curiosos dificilmente localizáveis. A Sra. Kellog se havia interessado pelos “golpes” de Hydesville e, em conseqüência, procurou obtê-los experimentalmente com a jovem, conseguindo-os imediatamente; logo em seguida obteve com a nova médium escrita automática, que se desenvolveu de forma rápida e maravilhosa.

A narradora escreve:

“A educação de Abby Warner fora de tal modo negligenciada que na ocasião do seu desenvolvimento mediúnic, apesar de ter 18 anos, só com grande dificuldade conseguia ler os caracteres impressos; era, entretanto, incapaz de ler letra de mão e, tanto mais, de escrever. Contudo, em estado de

“transe”, a jovem analfabeta escrevia corrente e simultaneamente com ambas as mãos, discorrendo sobre assuntos os mais diversos, ditados por vários espíritos, enquanto um terceiro espírito se manifestava por meio de “golpes”, transmitindo uma mensagem radicalmente diferente das outras.” (Idem, pág. 298).

O Dr. Abel Underhill,⁶ que havia posto a jovem sob seus cuidados, para tentar-lhe a cura, confirma esses detalhes, acrescentando que as mensagens não só eram escritas corretamente, mas continham também admiráveis provas de identificação pessoal dos defuntos comunicantes. Foi no período em que Abby Warner ficou na casa do médico que se produziu o incidente que levou a médium ao banco do Tribunal. A relatora descreve o episódio nos seguintes termos:

“Na véspera do Natal de 1851, o Dr. Underhill, com a família, alguns amigos e a jovem Abby Warner, foram à igreja de St. Timothy, na cidade de Massilon. Uma vez aí chegados, tomaram assento junto dos demais membros da congregação, mas não tardaram a observar, com surpresa e inquietação, que “golpes” espontâneos se produziam em torno da médium, dessa vez com intensidade e freqüência insólitas, e isso com o fim de atrair a atenção de toda a congregação, tanto mais que os golpes ressoavam sempre em perfeito sincronismo com os cantos litúrgicos. O ministro evangélico que, no momento, oficiava, se deteve e, sem se dirigir a ninguém em particular, pediu que se deixasse de bater. A esse pedido o “espírito batedor” respondeu com formidável golpe, que os iniciados interpretaram como uma resposta negativa. E, na verdade, em lugar de cessarem, os golpes cresceram em freqüência e força, assim continuando até o fim do serviço religioso, quando Abby saiu da igreja com a família do médico.

No dia seguinte, os jornais locais estavam cheios de cartas de protesto enviadas às redações pelos membros da congregação, nas quais denunciavam, com indignação, o sacrílego ultraje cometido durante o serviço religioso, por uma ímpia

jovem, ultraje que não se devia deixar impune. A tempestade jornalística terminou numa citação legal dirigida a Abby Warner para comparecer perante o juízo do Tribunal Civil⁷ para responder à acusação de haver intencional e sacrilegamente perturbado uma irmandade cristã no momento solene em que se cumpriam os deveres religiosos.” (idem, pág. 299).

A notícia do ato sacrílego, somada à imediata citação judicial da culpada, pôs em alvoroço toda a cidade. No dia em que se iniciou o processo, uma multidão de curiosos se comprimia na sala do tribunal. O desenvolvimento do processo durou três dias e constituiu um singular documento de ignorância, ou superstição e de insidiosa tentativa de arrancar da inocente vítima uma confissão de culpa como perturbadora voluntária de um serviço religioso e isso em contradição com quanto depunham os seus defensores, entre os quais o Dr. Underhill, que descreviam o fenômeno, sustentando que a jovem era médium e que os golpes ouvidos não dependiam, em absoluto, de sua vontade. Por sorte, as numerosas testemunhas que foram depor contra ela se mostraram pessoas sérias e honestas. Declararam que os “golpes” ressoavam em torno de Abby Warner, mas que não era possível localizá-los e, sobretudo, que, embora houvessem vigiado a moça por mais de uma hora, não lhe notaram nenhum movimento nos braços nem nos pés. Duas senhoras, que se haviam sentado ao seu lado, embora indignadas com o sacrilégio consumado, foram muito explícitas em tal sentido, declarando que a jovem, tanto sentada quanto em pé, não fizera nenhum movimento suspeito, mesmo quando os “golpes” se mostraram mais estrepitosos. Resultou daí que o juiz, o Sr. Folger, foi levado, honestamente, a pronunciar um veredicto de absolvição por insuficiência de provas.

Esse honesto veredicto, enquadrado em rigorosa justiça, não foi contestado por ninguém. Entretanto o acontecimento e o mistério que o cercava assombraram todos os habitantes do lugar e de tal estado de ânimo se aproveitou o Dr. Underhill para convidar seus concidadãos a nomear uma comissão de inquérito, com a finalidade de investigar os fatos. Pediu que Abby Warner

fosse sujeita às mais rigorosas medidas de fiscalização e assegurava que em tais condições os experimentadores obteriam prova indubitável da realidade objetiva dos “golpes”, assim como da natureza supranormal da “escrita automática”, das manifestações dos mortos, do tilintar de campainhas, do soar à distância de instrumentos musicais, da deslocação de móveis pesados, fenômenos esses em que a vontade da médium não influía, porquanto se realizavam pela intervenção de entidades espirituais.

A comissão de inquérito se reuniu, experimentou longamente, adotando métodos de controle rigorosíssimos, que seria muito longo enumerar, e acabou por convencer-se da genuinidade supranormal de todas as manifestações, publicando, em consequência, um minucioso relatório dos fenômenos, plenamente favorável a Abby Warner.

E assim terminou o primeiro processo civil intentado contra um médium por causa dos *raps*. Tinha, portanto, razão a Sra. Hardinge-Britten quando afirmou que, dessa vez, a melhor propaganda das novas pesquisas fora feita pelos opositores.

Caso 12

Como o fenômeno dos golpes medianímicos se tem produzido constantemente um pouco por toda parte e em qualquer época do movimento espírita, não creio necessário citar outros desta espécie e que não contenham algo de notável e característico. Reporto-me, portanto, ao ano de 1868, época em que se iniciaram em Cincinatti (Estados Unidos da América) as notabilíssimas experiências do Dr. N. Wolfe com a poderosa médium de efeitos físicos Sra. Hollis,⁸ com a qual ele obteve fenômenos de materialização de fantasmas que se moviam e falavam, em plena luz, fenômenos de “voz direta”, de “escrita direta”, de “luzes medianímicas”, de “transportes”,⁹ de “levitação da médium” e, naturalmente, também o fenômeno dos “golpes”. A esse respeito, ele observa:

“Milhões de pessoas hão ouvido os “golpes medianímicos” em plena luz, mas não são muitos os que os ouviram durante experiências com médiuns poderosos, em plena obscuridade, caso em que resulta coisa bem diversa dos golpe-

zinhos que ressoam na madeira das mesinhas medianímicas. Nas experiências em plena obscuridade, os “golpes” assumem volume, força, potência, e quando ressoam muito perto causam sobressalto. Podemos compará-los a batidas de malho desferidas, com força sobre-humana, no chão e nos móveis. Não ocultamos que, algumas vezes, houve quem temesse que algum golpe mal dirigido lhe partisse o crânio. Era com essa espécie de golpes tremendos que o índio “Old Ski” sacudia a inércia zombeteira dos experimentadores incrédulos. E alguns deles se assustaram tanto que suplicaram a “Old Ski” que não os matasse... Então, o velho pele-vermelha, depois de ter tirado do letargo o seu homem, se apressava em tranqüilizá-lo falando-lhe com voz terna e assegurando-lhe que jamais havia causado mal a alguém. E está claro que, em nenhum instante insinuava-se que o suplicante era um covarde.” (Dr. Wolfe – *Starling Facts in Modern Spiritualism*, pág. 287).

Quando, ao contrário, o fenômeno dos golpes se sucedia em plena luz, assemelhavam-se aos demais, todavia sem deixar de ter os seus característicos. Durante uma sessão em pleno dia, para obtenção de “escrita direta em ardósia”, o relator descreve, nestes termos, o acompanhamento dos golpes:

“Quando a Sra. Hollis tinha entre as mãos a ardósia, esperando a comunicação, prorrompeu de várias partes do aposento uma “cascata” de golpes medianímicos. O fenômeno parecia surpreendente e enquanto eu especulava sobre o fim desse grande desprendimento de “força”, a sra Hollis chamou minha atenção para a posição de uma cadeira colocada no canto mais afastado do quarto. Essa cadeira havia começado a oscilar sobre as duas pernas traseiras, continuando, assim, para frente e para trás, durante uns dois minutos e descrevendo, com o espaldar, um quarto de círculo aéreo, depois do que avançou elegantemente rumo a nós, movendo suavemente uma perna atrás da outra, até superar a metade da distância. Então parou sobre as quatro pernas para, em seguida, arrastar-se sobre o tapete até chegar à mesa, em torno da qual nos sentávamos. Continuou a oscilar sobre du-

as pernas por outros dois minutos e, enfim, cai, pesadamente, sobre o tapete. Quando isso ocorreu, prorromperam de todas as partes fortes golpes, rapidíssimos, que se poderia denominar um “dilúvio” de golpes.” (Idem, pág. 223).

Declaro, sinceramente, que quando me dispus a ordenar e classificar o material bruto desta “Breve história dos golpes medianímicos”, acreditava realizar um trabalho de certa utilidade metapsíquica, mas inevitavelmente monótono.

Vejo, agora, porém, com agrado, que me enganei, visto que os modestíssimos “golpes medianímicos” apresentam tal variedade de manifestações e de situações de ambientes que os tornam não apenas interessantes, mas também instrutivos.

O caso exposto e os que o precederam provam bem essa nossa impressão, porém ainda mais ilustrativa será a última seção desta classificação, em que analisaremos os casos dos golpes projetados em outros ambientes situados a centenas de milhas da localidade em que opera o médium.

Casos 13, 14, 15 e 16

Reúno casos de produção de “golpes medianímicos” com quatro poderosos médiuns, limitando-me a mencioná-los brevemente, porquanto, relativamente aos mesmos, os fenômenos que estudamos se limitam, quase sempre, a servir de meio para comunicações alfabéticas, raramente apresentando outras variedades de manifestações. Refiro-me aos médiuns Daniel Dunglas Home, William Stainton Moses, Elisabeth d’Espérance e Eusápia Paladino.

No caso de Home eram habituais as comunicações medianímicas por meio dos “golpes” que ressoavam, geralmente, na estrutura da madeira da mesa, porém, algumas vezes, nos móveis e no soalho.

Eram, ao contrário, excepcionais os episódios de “golpes” que revestiam potencialidade e variedade de manifestação. Eis dois casos interessantíssimos, o primeiro dos quais ocorreu na residência do Sr. Ward Cheney, em Manchester (Connecticut):

“Formou-se o círculo e bem pronto os golpezinhos de costume ressoaram claros e distintos dentro da madeira da mesa. Um dos meus amigos, que nunca assistira a semelhantes experiências, se abaixou, prontamente, para observar debaixo do móvel, mas teve que se convencer de que ninguém o tocava. Adaptando-se o alfabeto aos golpes, obtiveram-se admiráveis provas de identificação de espíritos comunicantes, ao tempo em que o médium se achava num estado de inconsciência, com rigidez muscular... Quando na metade de uma palavra ou de uma frase, alguém pretendia interpretar-lhe o significado, se chegava a adivinhar, produzia-se uma rajada de golpes fortes e rapidíssimos, como o sinal de resposta afirmativa...

Em seguida, fez-se a obscuridade na esperança de obter-se os clarões espirituais ocorridos, precedentemente, em outro grupo de experimentadores, porém, em vez de relâmpagos, tivemos os trovões sob a forma de golpes tremendos que ribombavam de todas as partes. Vibravam nos muros, no solo, nos móveis e, às vezes, a poucos centímetros do meu ouvido. Ficamos tontos e aterrorizados. Se eu desferisse um soco na mesa com toda a força de que sou capaz, não produziria o efeito desses golpes. As paredes e o chão estremeciam. Às nossas perguntas continuavam a responder com “golpes”, os quais variavam de força e de entonação conforme os espíritos comunicantes. Assim, por exemplo, a filha morta de um dos experimentadores anunciou a própria presença com uma “chuva” cerrada de golpezinhos suaves e vivazes. O pai pediu *mentalmente* à filha para colocar a mão em sua testa e, no mesmo instante, sentiu uma mãozinha de criança passar-lhe docemente na fronte. Note-se que o pai da menina era um incrédulo.” (D. D. Home – *Revelations sur ma vie surnaturelle*, pág. 49-51).

No livro de Lord Dunraven *Experiments in Spiritualism*, encontro este outro episódio:

“Sentiu-se algo mover na parede e, súbito, vimos oscilar no ar um crucifixo que estava suspenso à mesma. Ninguém

o segurava e, no entanto, ele estava no ar, no espaço compreendido entre nós e a janela. Subitamente, golpes ressoaram, sobre o crucifixo, com os quais foi ditada a frase: “Que isto sirva para demonstrar-vos que nós não tememos o símbolo da cruz.” (obra citada, pág. 163).

Passando a William Stainton Moses, observo que além dos golpes que se produziram para a transmissão das comunicações alfabéticas, se obtiveram manifestações fônicas de toda sorte, muito extraordinárias, mas, devendo limitar-nos às que não diferenciem muito do tema aqui considerado, não buscaremos grandes variedades episódicas para ilustração. Neste primeiro episódio os “golpes” se produziram em plena luz, por todas as partes do ambiente:

“Quando o médium se achava em estado de “transe”, era nosso hábito constante acender uma vela com o fim de tomar nota de tudo o que dizia a entidade que falava por intermédio de Moses. Durante esse tempo, as mãos e o vulto do médium eram claramente visíveis; não obstante os “golpes” continuavam a fazer-se ouvir por todas as partes do aposento.” (Charlton Speer, nos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. IX, pág. 343).

Neste outro incidente, responde-se com “golpes” às perguntas mentais feitas na ausência do médium, o qual se encontrava no quarto contíguo:

“Perguntas formuladas mentalmente por mim foram respondidas com “golpes” na parede, enquanto Moses se achava em outro quarto.” (Sra. Speer, nos *Proceedings*, vol. IX, pág. 312).

Este é um exemplo de ruídos múltiplos que não diferem muito do tema tratado:

“18 de agosto de 1872 – Stainton Moses perguntou (aos seus guias espirituais) se realmente pretendiam valer-se dele como instrumento para convencer o mundo sobre a realidade das manifestações espíricas. Como resposta, eles iniciaram, imediatamente, um estrépito de intensidade extraordinária;

dir-se-ia que se tratava de uma multidão freneticamente aplaudindo e batendo com os pés, em um comício público. Esses ruídos provinham de todas as partes do quarto e davam a impressão de exaltação.” (Sra. Speer, em *Light*, 1892, pág. 79).

E também esta outra espécie de ruídos não difere muito dos aqui analisados:

“20 de julho de 1873 – Quando se lhe pediu para bater, um golpe fortíssimo retumbou sobre a mesa e logo no solo. Parecia que grossas bolinhas de pedra ou vidro eram lançadas sobre a mesa e daí tivessem caído no chão e rolado por largo tempo. Quando se acendeu a luz, foi quase impossível convencer-nos de que isso não tinha realmente acontecido.” (Dr. Speer, nos *Proceedings*, vol. IX, pág. 319).

Relato um último episódio, o qual contém a circunstância importante de fenômenos que se produziram na ausência de Moses. A Sra. Speer narra:

“22 de março de 1873 – Esta noite o Sr. Stainton Moses e o Dr. Speer observaram novamente rumores elétricos enquanto estavam sentados, em plena luz, na sala de bilhar. “Rector”, por meio de golpes, fez logo saber que deviam dirigir-se à sala de sessões. Naquele momento eu estava dormindo no salãozinho e acordei sobressaltada devido aos estremeções repentinos e fortes que “Rector” fez dar-se no chão.” (Sra. Speer, na *Light*, 1893, pág. 283).

Com respeito aos fenômenos do gênero, que se produziram com as sras. d’Espérance e Eusápia Paladino, não há quase nada a revelar.

Com a Sra. d’Espérance, os “golpes” se produziram raras vezes em forma de tiptologia para as comunicações medianímicas e na sua obra *Shadow Land*.¹⁰ Encontram-se aqui e acolá algumas poucas observações como as seguintes:

“Muitas vezes ressoavam golpes na mesa, com os quais obtínhamos respostas às nossas perguntas. Algumas vezes cantávamos para harmonizar os “fluidos”; nesse caso os nos-

sos cantos eram constantemente acompanhados por movimentos rítmicos da mesa, ou bem por golpes vibrados dentro da estrutura da madeira.”¹¹

Com Eusápia Paladino, além dos golpes tiptológicos, obtinham-se muitas vezes os fenômenos dos golpes sincrônicos com os movimentos que a mão da médium fazia no ar. Quer dizer que esta última, em plena luz, vibrava, no ar, um golpe com os dedos da mão juntos e, simultaneamente, se ouvia um golpe mais ou menos forte ressoar na superfície da mesa. Esse fenômeno, que se podia obter à vontade, não era por certo impressionante, mas cientificamente interessante, pois que, pela modalidade com que se produzia, dir-se-ia que, entre os dedos unidos de Eusápia e a mesa, distante, embaixo, 56 centímetros, se materializara uma varinha invisível, com a qual a médium golpeasse a superfície da mesa. O fenômeno, sempre obtido em plena luz e repetido a pedido, tinha o valor de uma experiência supranormal cientificamente incontestável.

Caso 17

Relato alguns episódios interessantes recolhidos no livro, já citado, do Dr. Maxwell: *Les Phénomènes psychiques*.

Este primeiro episódio apresenta uma curiosa analogia com o antes referido, ocorrido com a médium Abby Warner, exclusive, naturalmente, o processo civil intentado contra esta. O Dr. Maxwell relata:

“Tive ocasião de observar os fenômenos dos *raps* grande número de vezes e durante certa viagem aconteceu-me encontrar com um médium interessado no gênero. Ele deseja que não lhe cite o nome, porém eu posso afirmar que se trata de uma pessoa cultíssima e que ocupa um cargo oficial. E é curioso que ele não sabia possuir essa faculdade latente, a qual se revelou somente depois de haver experimentado comigo. Com esse médium, os *raps* se produziam espontaneamente nos salões dos restaurantes e nos bufês dos trens. Bastaria a observação desse caso para se ficar certo da realidade do fenômeno. O barulho insólito dos golpes medianímicos

que se produziam em torno do meu amigo atraía a atenção das pessoas presentes, com a conseqüência de pô-lo em situações embaraçosas. De semelhantes circunstâncias, poder-se-ia afirmar que o nosso sucesso tinha ultrapassado as nossas expectativas, com isto de agravante: que quanto maior era a nossa confusão ante os presentes, que nos olhavam com espanto, mais fortes e freqüentes ressoavam os golpes. Dir-se-ia até que um espírito brincalhão os produzia para gozar do nosso embaraço.

Obtivemos *raps* belíssimos batidos no chão dos museus, defronte às obras de arte dos mestres e, principalmente, ante quadros de assunto místico. Jamais me esquecerei da intensidade de certos golpes batidos ante uma *Descida da Cruz*, pintado por um grande artista.

Obtivemos alguns, magníficos, numa casa tornada monumento nacional por ter sido habitada por um homem de gênio. No quarto em que o grande escritor morreu, golpes dados sem discrição atraíram a atenção suspeitosa do guarda.” (ob. cit., pág. 69-70).

Em outra circunstância o Dr. Maxwell narra:

“... Com uma médium escrevente, tive o ensejo de observar o fato curioso de “golpes” que se produziam na ponta de um lápis pousado imóvel sobre uma folha de papel. Várias vezes coloquei a mão sobre a outra extremidade do lápis, verificando que os “golpezinhos” se sucediam realmente, sobre a ponta do mesmo, porquanto, como disse, este repousava imóvel sobre a folha, mas ressoavam, na verdade, na estrutura da madeira e não sobre o papel... (idem, pág. 73).

Um outro episódio curioso é o seguinte: eu experimentava em um aposento em que se encontrava um biombo. Estávamos sentados a três metros de distância deste e golpes, distintíssimos e fortes, ressoavam detrás do biombo. Dir-se-ia que, por estarmos experimentando em plena luz diurna, os golpes medianímicos se haviam refugiado no canto mais escuro do quarto. (idem, págs. 73-74).

... Uma das características mais notáveis que apresenta a observação dos *raps* consiste no fato de que esses quase sempre estão em relação direta com o que denomino “personificações”. Um grupo dessas personificações, que se faziam chamar “fadas”, se mostraram particularmente interessantes e mais adiante terei ocasião de contar como uma dentre elas se fazia também ver. Essas “fadas” interferiam muitas vezes em nossas conversas, aprovando ou desaprovando as opiniões emitidas pelos experimentadores. Interessavam-se muito pelas nossas experiências e tive ensejo de observar que, quando os *raps* tardavam a produzir-se, era bastante encaminhar a conversa para as pesquisas psíquicas e suas prováveis interpretações para que, logo em seguida, os *raps* se ouvissem, aprovando ou desaprovando... (idem, pág. 75).”

A propósito destas últimas observações do Dr. Maxwell, é quase o caso de fazer notar como concordam com as modalidades sob as quais se manifestam a maioria dos episódios do gênero, em que se observa, igualmente, que os fenômenos fônicos são acompanhados por manifestações de personalidades medianímicas que afirmam produzir os “golpes” com o fim de assinalar a sua presença, ou entabular conversação com os vivos. Já se compreende que tais afirmações não constituem provas em tal sentido, todavia não são privadas de significado, tanto mais se as considerarmos nas suas relações indubitáveis com o conjunto da fenomenologia metapsíquica, em que se verifica, constantemente, o mesmo fato, com o acréscimo de uma circunstância eloqüente e é de que muitas vezes tais afirmações são corroboradas por provas de toda sorte, em demonstração da presença real, no local, das personalidades medianímicas comunicantes.

O Dr. Maxwell as considera “personificações subconscientes”. É provável, mas seria mais prudente ele manter-se em uma cautelosa reserva, denominando-as com o nome neutral de “personalidades medianímicas”, como o faço.

Fica para expor um grupo de episódios a que aludi anteriormente. Nesses, os “golpes” são projetados à distância e, muitas vezes, a grandes distâncias. Em tais circunstâncias, o fenômeno foi, algumas vezes, obtido a pedido, ou de antemão anunciado

pelo médium em sono ou pela personalidade medianímica comunicante.

Caso 18

O primeiro, por ordem de data, é o caso da Sra. Frederica Hauffe, a “Vidente de Prevorst” (1825), no qual os episódios desta categoria se produziam com freqüência. O fenômeno que vou narrar ocorreu em seguida a um pedido do Dr. Justino Kerner. Ele escreve:

“Como seus familiares me haviam contado, um ano antes da morte de seu pai, que no início de seu estado magnético, ela podia se fazer sentir aos seus amigos, à noite, quando se encontravam já recolhidos ao leito, na mesma aldeia, mas em casas diferentes, por meio de batidas, tal como ocorre com os mortos, eu lhe perguntei, durante o sono, se ela podia repetir o fato e a que distância. Respondeu que poderia ainda, por algumas vezes, e que a distância não existia para o espírito. Pouco depois disso, quando nossos filhos e os domésticos já tinham adormecido, ouvimos, no momento de deitar, uma batida que parecia vibrada no ar, acima de nossas cabeças. Seis batidas fizeram-se assim ouvir, com intervalos de meio minuto. Era um som abafado, mas claro, suave e distinto. Nossa casa é inteiramente isolada e estávamos bem certos de que os ruídos não podiam provir de nenhuma pessoa perto ou colocada abaixo de nós. No dia seguinte, à noite, quando foi adormecida, embora eu não tivesse mencionado o ocorrido, ela me perguntou se eu desejava que batesse outra vez para nós ouvirmos. Como, entretanto, explicou que isso a esgotava, eu recusei.” (*La Voyante de Prèvorst*, pág. 60).

O fenômeno dos *raps* e de batidas e estrondos de toda sorte era comuníssimo com a vidente e se relacionava, quase sempre, com visões de fantasmas de defuntos, os quais, segundo ela afirmava, encontravam-se em estado de sofrimento.

Na ocasião em que se manifestava um dos tais fantasmas assombradores cuja chegada era assinalada por golpes e ruídos

fortíssimos, o Dr. Kerner pediu à vidente que o exortasse a fazer-se ouvir em sua casa e a vidente pediu ao fantasma que o atendesse. Isto ocorria a 10 de maio de 1825. O Dr. Kerner escreve:

“A 23 de maio, por volta de uma hora da madrugada, fui subitamente despertado e ouvi sete golpes seguidos a curtos intervalos, parecendo provir do ar no meio do meu quarto. Minha esposa também foi despertada. Não podíamos comparar esses golpes a nenhum outro ruído. A casa em que morava a Sra. Hauffe se achava distante da nossa.” (idem, pág. 171).

E, a propósito de outro fantasma assombrador, observa:

“Quando o fantasma feminino amedrontava-a, ela lhe pedia que se manifestasse a mim e, nessa mesma noite de 2 de novembro, eu e minha mulher fomos perturbados por ruídos produzidos em nosso quarto e algo foi lançado sobre mim. Na manhã seguinte é que fui saber do pedido que a Sra. Hauffe fizera ao espírito.” (idem, pág. 192).

A propósito dos episódios expostos, a primeira pergunta que ocorre à mente do leitor é “a que concerne a natureza desses golpes: telepáticos ou medianímicos? subjetivos ou objetivos?”

O Dr. Kerner informa que tanto ele como sua mulher foram acordados em sobressalto, a uma hora da madrugada, pelo ribombar dos golpes, o que indica que ressoavam com força a ponto de acordar pessoas que dormiam; e, assim sendo, não se poderá evitar de concluir pela objetividade dos mesmos. Resulta daí que a hipótese telepática, que abrange exclusivamente os fenômenos análogos de natureza alucinatório-verídica, deverá ser eliminada para dar lugar a uma qualquer outra hipótese mais concreta. E entre essas, a hipótese menos ampla seria a de Myers, segundo a qual, em semelhantes circunstâncias, dar-se-ia projeções à distância de um “centro fantasmogênico real”, o qual, porém, não seria ainda um fenômeno de “bilocação” propriamente dito, mas se trataria antes de uma “cisão inicial da personalidade do médium”, portanto de uma primeira fase do fenômeno em discussão.

Tal hipótese se aplicaria ao primeiro episódio em que a “vidente” pré-anunciou que tentaria, pessoalmente, a prova, mas não se adaptaria aos episódios em que se tratam de fantasmas de defuntos, os quais se aproveitaram da mediunidade da “vidente” para se manifestar em casa do Dr. Kerner, de acordo com o desejo deste último. Naturalmente, faltam provas para ficar-se cientificamente autorizado a acolher esta segunda hipótese, mas se se considera o conjunto das manifestações imponentes de que a “vidente” foi protagonista involuntária e recalcitrante, então poder-se-ia reunir provas indiretas mais que suficientes para fazer propender a balança das probabilidades em favor da intervenção real dos defuntos nas circunstâncias em exame.

Caso 19

Este outro episódio foi narrado por Louis Jacolliot, então cônsul francês em Benares, o qual investigou, por anos, as faculdades supranormais do famoso faquir indiano Cavindasamy. Escreve Jacolliot em sua obra *Le Spiritisme dans le Monde*, IV parte, pág. 288:

“Concedi liberdade ao encantador. Ao despedir-se de mim, informou-me que, no momento em que os elefantes sagrados anunciassem a meia-noite, batendo nos gongos de cobre do pagode de Siva, ele evocaria os espíritos familiares que protegem os *franguys* (franceses) e que esses espíritos manifestariam a sua presença, em meu próprio quarto de dormir.”

Em seguida, Jacolliot relata todas as precauções que tomou para evitar qualquer fraude eventual, permanecendo só em sua casa, provida de ponte levadiça, examinando minuciosamente todos os aposentos, a fim de assegurar-se de que não havia ninguém escondido, depois do que se retirou para um quarto que não era aquele em que habitualmente dormia.

Ele assim continua:

“Na hora indicada, pareceu-me ouvir dois golpes distintamente batidos sobre a parede desse quarto. Dirigi-me para o lugar de onde pareciam partir esses ruídos quando um golpe

seco, que parecia provir do quebra-luz que protegia a lâmpada contra os mosquitos e as mariposas da noite, fez-me parar subitamente; alguns ruídos se produziram ainda, em intervalos desiguais, nas vigas de cedro do teto. Depois tudo voltou ao silêncio.” (Idem, pág. 289).

No caso exposto, as manifestações, previamente anunciadas, se realizaram em três modalidades diversas: golpes distintos batidos na parede do quarto, um golpe seco no vidro da lâmpada e vários ruídos nas traves do teto. Deve-se notar que essas manifestações supranormais se verificaram na hora previamente indicada de meia-noite, circunstância que confere valor probativo ao fenômeno.

Também neste caso se deverá concluir pela objetividade dos golpes, embora fique ainda incerta a gênese das manifestações. É verdade que o faquir havia anunciado que ao soar meia-noite evocaria os espíritos protetores dos franceses para manifestarem a sua presença no quarto de Jacolliot. Também é verdade que todos os faquires crêem firmemente na intervenção de entidades espirituais nos fenômenos que produzem, mas como as suas manifestações, embora prodigiosas, são sempre de ordem física, não seria possível demonstrar que não resultam sempre fenômenos de “animismo”.

Caso 20

Numa recente monografia minha, referi um caso de “mensagens medianímicas entre vivos, transmitidas com o auxílio de personalidades medianímicas”, caso que se prestava, de modo excepcional, para elucidar algumas perplexidades inerentes às comunicações mediúnicas com os defuntos.

Tratava-se, igualmente, de transmissão de breves mensagens entre dois grupos de experimentadores separados por uma grande distância, mas o início de tais experiências teve origem fortuita e precisamente por causa de uma projeção, a pedido, de “golpes” de um outro grupo.

O relator-protagonista dos fatos é o Sr. Frederick James Crawley, chefe do comissariado de segurança pública da cidade

de Newcastle. Ele se interessara pela metapsíquica porquanto sua consorte possuía faculdades mediúnicas. Aconteceu que no outono de 1922 a esposa do Sr. Crawley teve que permanecer algum tempo na cidadezinha de Woolastone, em Gloucestershire, ao passo que o Sr. Crawley ficava em sua própria residência em Sunderland. Entre as duas localidades se interpunha uma distância de 300 milhas. Em data de 1º de setembro de 1922, o Sr. Crawley recebeu de sua consorte uma carta na qual se lia o seguinte tópico:

“Ontem à noite, quando me deitava, ouvi uns golpes sonoros batidos na madeira do peitoril da janela. Reconhecendo neles a tonalidade característica dos golpes vibrados por “Luther” (o defunto irmão do Sr. Crawley), perguntei se era ele próprio e recebi resposta afirmativa por meio de três fortes golpes, depois do que as pancadas continuaram a se fazer ouvir; mas como ressoavam muito fortes e eu me encontrasse em casa alheia, pedi a “Luther” para desistir, ao que acedeu imediatamente. Eram 23 horas. Então pedi a “Luther” que fosse bater seus golpes em teu quarto, em Sunderland. Esta manhã, ao escrever automaticamente, manifestou-se “Ourio” (o filho defunto dos Crawley), que me disse que ele e “Luther” se haviam transferido para o teu quarto e executado o meu pedido.” (Idem, pág. 7).

Respondendo à carta de sua esposa, o Sr. Crawley, com o laconismo espartano característico de todos os seus comentários, diz o seguinte:

“Cerca da hora indicada na tua carta os golpes a que se refere ressoaram, distintamente, no meu quarto.” (Idem, pág. 7).

A propósito do episódio exposto, limitar-me-ei a observar que o mesmo se produziu a pedido e, ainda, que o percipiente não esperava tal coisa, o que serve para eliminar a hipótese de sugestão por “atenção expectante”. Faltam, a respeito, dados para se julgar se se tratava de um fenômeno “anímico” ou “espírico”, mas, ainda desta vez, observarei que, se se considerarem as magníficas provas de identificação pessoal proporcionadas pelos

falecidos filhos do Sr. Crawley nessas mesmas experiências, dever-se-á concluir, sem hesitação, a favor da origem extrínseca dos golpes em questão.

Caso 21

Tiro o seguinte episódio da obra do Rev. V. G. Duncan *Profs* (Provas), livro interessantíssimo sob diferentes pontos de vista, no qual o autor se refere às suas próprias experiências com as célebres médiuns de “voz direta”, as srtas. Moore.

Ele comparecera à primeira sessão em companhia de um amigo, ex-oficial do exército, e ambos obtiveram admiráveis provas de identificação pessoal de defuntos.

No segundo capítulo do livro, o Rev. Duncan relata o seguinte:

“Os memoráveis eventos expostos no capítulo precedente tiveram um curioso desenlace. Na noite seguinte, fui à casa de um amigo para conversar acerca das nossas impressões da noite anterior. Soube que sua senhora se achava ausente da casa havia uma semana e que ficaria no campo mais algum tempo ainda. Convém, portanto, fazer notar que na noite precedente só se encontravam na casa duas criadas, as quais se achavam deitadas quando o meu amigo voltou da sessão. Ele se recolheu, logo, ao leito e apagou a luz, continuando a meditar sobre as maravilhas a que havia assistido, mas a corrente dos seus pensamentos foi subitamente interrompida por golpezinhos gentis batidos na parede detrás da cabeceira do leito. Ele pensou que se tratava de algum ratinho escondido no revestimento da madeira e reatou o fio dos seus pensamentos, quando foi, de repente, sacudido por um golpe formidável, como de um malho, batido numa das colunas do leito. Saltou da cama, acendeu a luz, olhou ao redor, revistou minuciosamente todos os cantos: nada havia no aposento que desse razão ao sucedido.

Uma semana depois, teve oportunidade de assistir a uma segunda sessão, manifestando-se, no decurso da mesma, uma entidade que lhe informou que alguns espíritos amigos

havam utilizado um resto do “fluido” que ele havia levado consigo da sessão, com o propósito de anunciar a sua presença no quarto. Primeiramente haviam buscado atrair sua atenção, por meio de golpezinhos leves, porém como ele havia pensado em ratos em vez de espíritos, eles produziram esse golpe que já não podia ser confundido com o de um roedor, pancada, porém, que saíra mais forte do que desejaram. E o espírito comunicante pediu desculpas ao meu amigo pela emoção que, involuntariamente, lhe causara...” (Pág. 36-7).

No caso exposto, e querendo ater-se rigorosamente ao texto, não se poderia falar de “golpes projetados à distância por obra de um sensitivo”, visto que as duas médiuns não se haviam proposto nem conscientemente nem em estado de “transe” (elas permaneciam constantemente acordadas) tentar semelhante prova, e nem aos experimentadores ocorreu tentar algo de semelhante. O fenômeno se produziu espontaneamente, fora de toda a coincidência de hora ou de aviso prévio, salvo a circunstância de ter-se realizado algumas horas depois de ter o percipiente assistido a uma magnífica sessão de “voz direta”. Assim sendo, a explicação mais racional dos fatos pareceria ser a que forneceu a entidade comunicante, na sessão seguinte, a qual, ao abordar o assunto, sem que os médiuns estivessem informados a respeito, e ao dar provas de estar ao corrente de tudo, dá validade à presunção sobre a origem extrínseca do fenômeno ocorrido.

Caso 22

Tiro este último episódio de *Light* (1933, pág. 354). O Sr. J. D. Larpenteur, de Paris, publica o seguinte caso pessoal, que já havia relatado verbalmente ao prof. Richet.

Aconteceu-lhe assistir a uma sessão privada em que a mesinha mediúnica respondia, alfabeticamente, por meio de golpes na madeira. Manifestaram-se-lhe a irmã e a mulher mortas, fornecendo-lhe boas provas de identificação. Era ele desconhecido dos presentes, mas não era fácil de se convencer e tentou a prova de formular uma pergunta *mental* ao “espírito-guia”, pedindo-lhe para transportar a mesinha até ele e bater três vezes sobre suas

próprias mãos, colocadas sobre os joelhos. Esse pedido mental foi logo satisfeito, o que o levou a convencer-se da genuinidade dos fatos. Pediu, então, à mesma entidade para manifestar-se em sua casa, obtendo resposta afirmativa. Estes os antecedentes. O relato assim prossegue:

“Nada disse a ninguém. Depois de haver esperado por alguns dias, as preocupações dos negócios me fizeram esquecer muitas coisas. Certa noite, porém, fui despertado em sobressalto pelo rumor de três fortes golpes que pareciam ter sido produzidos batendo-se com os nós dos dedos num móvel. O barulho provinha de um armário velho de um século. Na confusão produzida por esse súbito despertar, a primeira idéia que me veio à mente foi a de que meu filho me chamava. Saltei do leito e corri para o seu quarto, passando pelo salãozinho; mas achando fechada a porta e tudo tranqüilo, voltei para o meu quarto, notando que o relógio marcava 1:45 da manhã. Apesar disso, fui visitar os demais dormitórios, encontrando tudo em ordem. Na manhã seguinte, interoguei todos, resultando que nem meu filho nem os criados haviam ouvido qualquer ruído durante a noite. Não podia dar-me conta do que acontecera, quando, repentinamente, lembrei-me da promessa de “Fo”, o espírito-guia, e dos golpes que prometera fazer-me ouvir em minha casa. Seria, então, verdade?”

Fui assistir a uma outra sessão na mesma casa e perguntei à entidade “Fo” se podia reproduzir quanto ocorrera em minha residência. Imediatamente ressoaram três fortes golpes com a mesma força e igual tonalidade dos que foram batidos no meu armário. Então expliquei aos presentes o maravilhoso significado do incidente ocorrido...”

No caso exposto, como já em outros que o precederam, a hipótese da auto-sugestão por “atenção expectante” é eliminada pelo fato de que os golpes pré-anunciados não se produziram na mesma noite em que o narrador os pedira, mas alguns dias depois e quando não mais pensava neles, sem contar que neste caso, como nos outros citados, o experimentador foi despertado

do sono em sobressalto em consequência de fortes golpes que ressoaram perto dele. O fenômeno, portanto, deve ser considerado genuinamente supranormal e de natureza objetiva. Quanto à gênese do mesmo, não é possível pronunciar-se a respeito, visto que não se dispõe de dados, os quais fariam propender a balança das probabilidades a favor mais de uma que de outra solução da questão.

Conclusão

Chegado ao término da minha tarefa, e querendo resumir e concluir, observo, antes de tudo, que esta breve classificação de fenômenos aparentemente elementares, como são considerados os “golpes mediúnicos”, serve para demonstrar como o prof. Richet tinha razão ao considerá-los “um dos mais belos fenômenos da Metapsíquica”, acrescentando que a história dos *raps* parecia tão interessante que era de augurar-se que algum metapsiquista empreendesse uma cuidadosa classificação dos fenômenos de tal natureza.

E, na realidade, a presente classificação, embora sumária, serve para demonstrar como os fenômenos em questão, na aparência uniformes e monótonos, assumem, ao contrário, variedades de manifestação e se produzem em situações de ambientes tão variadas que resultam tão interessantes e sugestivos quanto qualquer outra categoria de manifestações metapsíquicas.

Vimos, demais, que o próprio fenômeno assume, às vezes, modalidades de manifestações imponentes, até mesmo terrificantes, como na categoria dos fenômenos de assombramento; mas que também assume, muitas vezes, significado teoricamente bastante eloqüente, no sentido espiritualista, na categoria dos fenômenos telepáticos, para tornar-se, finalmente, variadíssimo, instrutivo e importante, tanto no sentido teórico quanto no prático, na categoria dos fenômenos medianímicos.

Nesta última categoria, as investigações experimentais que apresentam maior importância do ponto de vista das induções a extrair-se para uma justa interpretação dos fenômenos supranormais em geral são as dos “golpes medianímicos projetados à distância”, tanto mais que tais experiências se prestam a ser obtidas a pedido, com a quase certeza de se poder repeti-las, caso em que se adiantaria um largo trecho para a solução de muitos problemas metapsíquicos. Quer dizer que, se em virtude dos processos da análise comparada e da convergência das provas, se conseguir demonstrar, sobre a base dos fatos, que em tais experiências não se trata sempre de uma transmissão telepático-

alucinatória, de impressões fônicas subjetivas, por conseguinte inexistentes em si, em tal caso se veria restringir, de modo notável, o domínio hoje atribuído à telepatia e dever-se-ia recorrer a uma hipótese mais concreta, que seria a de Myers, segundo a qual em tais contingências se trataria de projeções, à distância, de um “centro fantasmogênico real”, o qual, porém, não seria um fenômeno de “bilocação”, mas implicaria, antes, a possibilidade de uma “cisão inicial da personalidade humana sensível e consciente”, logo uma primeira fase do fenômeno de desdobramento entre o “corpo etéreo” e o “corpo somático”. Tudo isto do ponto de vista de quem quer ater-se à “hipótese menos ampla”, a qual, sem embargo, dificilmente poderia sustentar-se em face ao conjunto integral dos fatos em que se encontram, positivamente, “casos de bilocação” propriamente ditos e casos de intervenção extrínseca.

E se isto pode-se desde já afirmar, é lícito dizer, sem temor de equivocar-se, que se se empreenderem investigações, em tal sentido, em múltiplos grupos experimentais, conseguir-se-ão provas decisivas, sobre a base dos fatos, em favor da intervenção de entidades de defuntos em uma seção relevante das manifestações em exame, tal como ocorre com todas as demais.

Sentir-me-ei muito satisfeito se a presente monografia servir de incentivo para orientar as pesquisas dos grupos de pesquisa no sentido de se fazerem experiências de “projeções à distância dos golpes medianímicos”. **Fim**

Notas:

¹ “*Raps*” – fenômenos de percussão, que variam de intensidade, sem agente visível conhecido ou normal. São fenômenos simples, mas de tremenda importância. Termo nascido do verbo inglês “*to rap*” (bater rápida e vivamente). É intraduzível e, por isso, foi adotado universalmente pela Metapsíquica e o Espiritismo. As tentativas de tradução são insuficientes, tais o italiano – “*picchi medianici*”, o francês – “*coups frappés*” ou

“*craquements sourds*”. Em *As Casas Mal-Assombradas*, (pág. 210 – edição francesa), Camille Flammarion emprega “*repes*”; Eurico de Góis, em *Biopsíquica*, págs. 21, 37 e 412, emprega “*rapes*”. João Teixeira de Paula propõe a expressão: “*ruídos tiptológicos*”. (N. E.).

- ² *Poltergeist* (pronuncia-se “*poltergaist*”) – Do alemão “*polter*” (alvoroço, grande ruído) e “*geist*” (espírito). Tentou-se substituir esse verbete pelo neologismo científico “*thorybe*”, ou “*toribe*”, de “*thorubus*” (alvoroço, ruído, etc.). Ruído de origem paranormal. Não é produzido por “*metacinesia*”, mas diretamente. Em René Sudre encontramos “*Thorybismo*”.

Metacinesia (de “*meta*”, mais longe, e “*kinema*”, movimento) - Produção supranormal de movimentos de objetos: ao contato é *paracinesia*; perto é *pericinesia* e longe do médium é *telecinesia*.

Poltergeist é termo intraduzível. (N. E.).

- ³ Vede nota anterior.
- ⁴ *S. P. R. – Society for Psychical Research* – Foi proposta por Sir William Barrett, em uma reunião a 6 de junho de 1881 e estabelecida em 20 de fevereiro de 1882, sendo eleito presidente o prof. Henry Sidgwick, de Cambridge.
- ⁵ *Annales des Sciences Psychiques* – Mensário fundado em 1891 pelo prof. Charles Richet e o Dr. X. Dariex, editado a partir de 1905 pelo Conde Cesar Baudi de Vesme, sendo absorvido por sua *Revue des Études Psychiques*. Prosseguiu até 1919, quando foi substituído pela *Revue Métapsychique*, o órgão oficial do *Institut Métapsychique International*. Uma edição inglesa sob o título de *Annals of Psychic Science* foi publicada entre 1905-1910, editada por Laura L. Finch. (N. E.).
- ⁶ A respeito desse Dr. Underhill surge uma curiosa questão. Emma Hardinge-Britten chama-o “Abel”. Frank Podmore escreve que esse mesmo Underhill, enriquecendo em negócios de seguros, veio a casar, alguns anos mais tarde, em novembro de 1858, com a mais velha das célebres irmãs Fox, Leah. O Dr. Nandor Fodor anota que Leah casou-se com “David” Unde-

rhill. Infelizmente faltam-nos documentos para esclarecer esse pequeno mistério, um dos muitos que, por lapso dos comentaristas, desafiam os historiadores do Espiritismo. (N. E.)

⁷ O julgamento, conforme escreve o Dr. Nandor Fodor, foi realizado quase que imediatamente após o Natal, a 27 de dezembro do mesmo ano. (N. E.)

⁸ Hollis, Mrs. Mary J. (mais tarde Hollis-Billing) – médium americana de voz direta, cujos espíritos-guias eram “James Nolan” e “Ski”, um índio. Visitou a Inglaterra em 1874 e 1880. Foi um dos primeiros médiuns a obter escrita em ardósia, frequentemente produzida por uma mão materializada à vista de todos. Durante os anos de 1871-73, o Dr. N. Wolfe, de Chicago, fez exaustivas investigações desses fenômenos. O resultado é descrito em sua obra *Starling Facts in Modern Spirituallism*. De acordo com ele, a mediunidade de voz direta de Mrs. Hollis era excelentemente desenvolvida. Em certas ocasiões trinta ou quarenta espíritos chegaram a se manifestar em uma única sessão. Só falavam nas trevas. Cantavam com os assistentes e, por vezes, davam-lhes senhas maçônicas.

Mrs. Hollis obtinha formas materializadas em um gabinete, mas sem entrar em transe. A manifestação de mãos fantasmas era muito freqüente. Muitas vezes a médium foi levitada até o teto, deixando no forro marcas de lápis. Movimentos de objetos eram também comuns. Um dos espíritos que se manifestavam foi visto fazendo bonecos e rosetas com o material que fora deixado com esse propósito. O processo de costurar era realizado com perfeição em absoluta obscuridade.

Como teste, escureciam-lhe as mãos com cortiça queimada. A mão materializada aparecia imaculada. Rostos mostravam-se em miniaturas e os assistentes examinavam-nos através de binóculos. De certa feita seis cabeças mostram-se simultaneamente. Dizia-se que os Espíritos de gente famosa freqüentavam suas sessões, entre eles Napoleão e a Imperatriz Josefina, que usava uma coroa de pedras preciosas e colares de pérolas. (N. E.)

-
- ⁹ No original Bozzano escreve *apporti ed apori*, tentando, com relativa felicidade, levar para o italiano o verbete *apport*, que, do francês *apporter* foi incorporado universalmente ao vocabulário espírita e metapsíquico. Compreendendo a aparição e desaparecimento de objetos, envolvendo aparente penetração da matéria, pois que habitualmente ocorre em lugares hermeticamente fechados, não temos para o *apport* nenhum equivalente em português. Os ingleses adotaram o termo francês. É um dos mais enigmáticos e surpreendentes fenômenos do mediunismo. (N. E.)
- ¹⁰ Obra traduzida e editada em português sob o título *No País das Sombras*, pela editora FEB.
- ¹¹ Obra citada, págs. 104 e 113.